

## PENSANDO A EDUCAÇÃO DESDE O NOSSO LUGAR: POR UMA METODOLOGIA DECOLONIAL <sup>1</sup>

João Alberto Steffen Munsberg<sup>2</sup>  
Henri Luiz Fuchs<sup>3</sup>  
Gilberto Ferreira da Silva<sup>4</sup>

### RESUMO

Este texto insere-se na temática da decolonialidade<sup>5</sup>, contrapondo-se à racionalidade moderna pretensamente universal e única. Objetiva-se, aqui, refletir sobre a potencialidade da metodologia utilizada numa pesquisa sob a perspectiva decolonial, cujo arranjo metodológico combinou a técnica de análise temática de Gibbs (ATG) e a análise discursiva bakhtiniana (ADB). Como referencial teórico utiliza-se a teoria da decolonialidade, a qual defende o pensar desde onde se é e se está, isto é, um pensar geopistêmico desde o Sul, o que significa repensar as relações hegemonia/dependência resultantes da modernidade/colonialidade. A reflexão permite concluir que o referido arranjo metodológico: a) dispõe de procedimentos adequados à execução do projeto de pesquisa, com alcance dos objetivos e obtenção dos resultados na perspectiva decolonial; b) privilegia o pensamento desde o lugar de onde se fala; c) valoriza o papel do pesquisador na interpretação da realidade; d) fundamenta-se na participação dos sujeitos para a transformação da realidade. Portanto, os resultados da pesquisa apontam para a potencialidade do arranjo metodológico utilizado como uma metodologia decolonial. Não obstante, a constatação não significa colocar ponto final nas reflexões sobre a temática. Afinal, não há apenas uma metodologia decolonial – há uma pluralidade de metodologias alternativas, esperando por aplicação em pesquisas, sobretudo em ciências sociais.

**Palavras-chave:** Pesquisa científica, metodologia, decolonialidade, geopisteme, análise discursiva.

---

<sup>1</sup> Pesquisa original com bolsa de estudo da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

<sup>2</sup> Doutor em Educação, Universidade La Salle – UNILASALLE. Colíder do Grupo de Pesquisa em Educação Intercultural – GPEI. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3234060254123029>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6992-4290>. E-mail: [prof.jasm@gmail.com](mailto:prof.jasm@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS. Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação Intercultural – GPEI. E-mail: [henriluizfuchs@yahoo.com.br](mailto:henriluizfuchs@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Doutor em Educação, orientador da pesquisa, Universidade La Salle – UNILASALLE. Líder do Grupo de Pesquisa em Educação Intercultural – GPEI. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5057724567363394>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6294-2322>. E-mail: [gilberto.ferreira65@gmail.com](mailto:gilberto.ferreira65@gmail.com)

<sup>5</sup> A opção pelo uso do termo “decolonialidade” e derivações decorre do fato de o antepositivo *de* refletir com maior intensidade as noções de negação e de afastamento, separação e repulsa, do que o prefixo *des*, este bastante enfraquecido devido ao vulgarismo de que se reveste atualmente.

## PONTO DE PARTIDA [introdução]

Este texto constitui-se num recorte da tese intitulada “Por uma proposta pedagógica na perspectiva da educação intercultural decolonizadora” (MUNSBURG, 2020), a qual teve como tela de fundo a metáfora “Pesquisa: uma viagem investigativa”, em alusão à formação do pesquisador em Geografia. A metáfora anuncia o caminho da pesquisa percorrido pelo pesquisador. Dito de outra forma, a narrativa da viagem é uma descrição metafórica dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. O pesquisador – como geógrafo viajante – desfila conceitos e procedimentos ao mesmo tempo em que situa e descreve o lugar de fala – a Abya Yala<sup>6</sup>.

Com este artigo objetiva-se refletir sobre a potencialidade da metodologia utilizada numa pesquisa sob a perspectiva decolonial. Trata-se de um arranjo metodológico que combinou a técnica de análise temática de Gibbs (ATG) e a análise discursiva bakhtiniana (ADB). Busca-se apoio teórico-metodológico na teoria da decolonialidade, que defende o pensar desde onde se é e se está, isto é, um pensar geopistêmico desde o Sul, o que significa repensar as relações hegemonia/dependência resultantes da modernidade/colonialidade.

Essa metodologia analítica propiciou a análise dos discursos de quatro instâncias educacionais: regulatória, discente, docente e teórica. Utilizando-se a ATG, a partir da leitura dos textos (discursos), foi elaborado um rol de termos com base na frequência de palavras ou expressões. Passando da descrição ao nível analítico, estabeleceram-se os temas – protagonismo juvenil, intervenção na realidade e interculturalidade –, os quais foram analisados conforme a ADB, numa perspectiva dialógica.

A análise permite concluir que o arranjo metodológico: a) dispõe de procedimentos adequados à execução do projeto de pesquisa, com alcance dos objetivos e obtenção dos resultados na perspectiva decolonial; b) privilegia o pensamento desde o lugar de onde se fala; c) valoriza o papel do pesquisador na interpretação da realidade; d) fundamenta-se na participação dos sujeitos para a transformação da realidade. Portanto, os resultados da pesquisa apontam para a potencialidade do arranjo metodológico utilizado como uma metodologia decolonial.

---

<sup>6</sup> *Abya Yala*, na língua do povo Kuma (Colômbia), significa “Terra madura”, “Terra viva” ou “Terra em florescimento”. A expressão é usada como contraponto à designação de América. Disponível em: [latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala](http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala). Acesso em: 22 jul. 2019.

## PESQUISA: UMA VIAGEM INVESTIGATIVA [metáfora condutora]

Pesquisar é viajar, desbravando campos e prospectando minas. Campos reais e imaginários. Minas subterrâneas e a céu aberto; minas que concentram riquezas, esperando pela prospecção. E viajar é transitar por caminhos – conhecidos ou não –, é percorrer caminhos e conhecer outros lugares e outras culturas. Viajar é descobrir outros mundos, é ser um viajante, um errante... interrogante, comunicante, falante! Dialogante!

Viajante é aquele que viaja, que transita por caminhos, que percorre estradas largas e trilhas estreitas ou rios caudalosos, que visita outros lugares. O viajante é um observador, como um geógrafo que, por natureza, alimenta-se da paisagem, fita os detalhes, mira o horizonte e busca encontrá-lo. A curiosidade produzida por incertezas e estranhamentos insere-o no mundo dos pensamentos, da imaginação e dos sonhos. O viajante divaga. E se encontra no mundo dos humanos – pensando, refletindo, dialogando consigo (e com todos que o constituíram e o cercam).

Viajante carrega na bagagem uma mala contendo documentos, ferramentas e instrumentos (bússola, binóculo, caneta, bloco de anotações, livros de bordo e outros). Ah! O viajante de hoje não se esquece do *smartphone* e do GPS. Mas nem precisaria disso para se situar, se localizar. O movimento aparente do Sol o conduz ao destino. Ao chegar ao/no ponto alvejado se depara com novo horizonte, como “linhas de fuga” num espaço em perspectiva.

Anoitece. O lusco-fusco embaralha a retina do viajante-observador. Rapidamente, escuridão. O viajante vislumbra o alto celestial e encontra o Cruzeiro do Sul. E eis que no horizonte surge a Lua prateada, como que num gesto de orientar o transeunte errante (apesar do GPS). Ah! Orientação. “Suleação” – o Sul é referência ao andante. Alvorada. Amanhecer. O Sol brilha no horizonte. Novamente luz. A viagem continua.

Em seu percurso, o viajante pode se deparar com “novos” obstáculos de toda ordem – crateras, inundações, deslizamentos, corredeiras, ventanias, tempestades elétricas, tornados, ciclones e furacões. Eventos reais ou pesadelos. De repente se encontra em encruzilhadas ou bifurcações sem indicativos de direções. Olha ao redor e o que observa parece ser um espaço vazio, impreciso – um mundo desconhecido, “fim do mundo”. Todavia, ao se focar nos elementos da paisagem percebe a riqueza de recursos disponíveis. Isso gera segurança e aguça a imaginação. A mente voa, o sujeito se afasta do local e percebe o todo, e se compreende inserido nesse espaço – hemisfério austral. Decide-se por uma direção.

E o andante errante prossegue a viagem, fitando e admirando os encantos paradisíacos – exóticos, para os “descobridores” colonizadores – de Abya Yala. Como que seguindo as

pegadas dos Guarani no “Caminho de Peabiru”<sup>7</sup> em busca da “terra sem mal”<sup>8</sup>, ou percorrendo os “caminhos incas”<sup>9</sup> trilhados pelos quíchuas, depara-se com uma cosmovisão “outra” – *tahuantinsuyu*<sup>10</sup>. O viajante observa a paisagem, capta e registra os detalhes, descreve e analisa a realidade de Pachamama<sup>11</sup>. “Viagem pitoresca”, como a de Johan Moritz Rugendas através do Brasil, de 1827 a 1835? Não. Viagem investigativa, inusitada e pictórica, sim, mas onde a excentricidade é situar este mundo do Sul na centralidade.

Nessa nova etapa da viagem, novas realidades, novas imagens, novos olhares, novas leituras de mundo, novas culturas. O viajante – como geógrafo desbravador – sonha com um mundo melhor, um “mundo outro” possível. Perspectiva outra: decolonialidade. Dialogar é preciso. Polifonia! Ouçam as vozes presentes nesta narrativa.

### **PILARES DECOLONIAIS [referencial teórico]**

Epistemes, teorias, paradigmas, pensamentos, pressupostos, ideias, conceitos. O viajante se encontra pensando no mundo do conhecimento, viajando no mundo das ideias. E aí emerge a geopisteme como problema paradigmático. Em outras palavras, aborda-se, aqui, a fundamentação teórica que sustenta o posicionamento geopistêmico.

Geografias situam-se em territórios, reais ou simbólicos. Territórios que condicionam identidades. Assim, territorialização significa a criação de vínculos identitários, relação de pertencimento, assentamento. Quando há mudança de lugar, deslocamentos, afastamentos, tem-se a desterritorialização. E desterritorialização supõe sempre o processo de reterritorialização, um novo assentamento, ou melhor, o assentamento em um novo território, pois território é a base das geografias.

O horizonte está logo ali, ao alcance dos olhos. Porém, inalcançável em termos reais. Mira-se, mas não se consegue capturá-lo. Capta-se com os olhos, mas continua lá, atraindo e desafiando o viajante observador. A busca do horizonte é um caminhar contínuo, permanente,

---

<sup>7</sup> “Caminho de Peabiru”, na língua guarani significa “caminho forrado”, “caminho antigo de ida e volta” ou “caminho da montanha do sol”. Liga o Pacífico ao Atlântico, de Arequipa, Moquega e Tacna, passando por Cuzco, no Peru, a São Vicente/SP e Florianópolis/SC.

<sup>8</sup> “A ‘terra sem mal’ é esse lugar privilegiado, indestrutível em que a terra produz por si mesma os seus frutos e não há morte.” (CLASTRES, 1978, p. 30).

<sup>9</sup> A “Trilha Inca”, *Qhapaq Ñan* em idioma quíchua, quer dizer “Estrada do Rei”. Estende-se da Colômbia ao Chile, como que serpenteando a cordilheira andina.

<sup>10</sup> *Tahuantinsuyu* se refere à divisão territorial do Império Inca em quatro regiões, identificadas com os pontos cardeais, tendo Cusco como ponto de convergência do universo, segundo a cosmovisão andina e sua concepção quadripartite. Ver Arcuri, 2009.

<sup>11</sup> *Pachamama*, divindade e princípio explicativo na visão de mundo dos povos quíchua e aimará, significa “Mãe Terra”, representando a natureza em sua totalidade.

inacabado, por vezes utópico, mas realizável. E o viajante errante falante continua interrogante. Questiona a si e aos demais atores sociais sobre a realidade do mundo que/em que se vive, um mundo produzido pela modernidade/colonialidade.

Conforme Mignolo (2017, p. 13), modernidade/colonialidade/decolonialidade é “[...] uma tríade que nomeia um conjunto de relações de poder.” Para os pensadores da decolonialidade, a colonialidade se constitui no lado obscuro da modernidade, sendo expressa em tripla dimensão: a colonialidade do poder (político e econômico, hierarquizando grupos humanos e lugares), do ser (subjetividades, inferiorizando os diferentes, os “outros”) e do saber (marginalizando sistemas de conhecimento diferentes). Para o sociólogo Aníbal Quijano (1992), a crítica do paradigma eurocêntrico da racionalidade/modernidade é necessária e urgente, porém sem negar tal racionalidade. É preciso agir com desprendimento das vinculações da racionalidade/modernidade com a colonialidade. Pretender alguma universalidade pressupõe reconhecimento e aceitação como uma racionalidade “outra”, com a consequente libertação das relações interculturais das amarras da colonialidade. Assim, no campo educacional, é preciso decolonizar a instituição escolar e o currículo.

Um conceito basilar desta viagem investigativa é interculturalidade, aqui entendida como um projeto e processo contínuo por construir. O tema interculturalidade, inscrito no “projeto decolonial”, ganha importância com os estudos de Catherine Walsh, pesquisadora ativista em prol do binômio decolonialidade-interculturalidade. Decolonialidade e interculturalidade estão entrelaçadas como apostas e propostas. Walsh entende interculturalidade como a possibilidade de diálogo entre as culturas, pensada na perspectiva crítica “[...] como proyecto político-social-epistémico-ético y como pedagogia decolonial [...]” (WALSH, 2010, p. 76). Walsh fala em interculturalizar estruturas, instituições, relações e modos de pensar impregnados pela lógica racial, moderno-colonial-eurocentrada, trabalhando para a decolonização das mentes e a transformação das estruturas da colonialidade, isto é, trabalhar para decolonizar. Portanto, decolonizar é desapegar-se da lógica da colonialidade e abrir-se a teorias e metodologias outras.

Em sentido amplo, interculturalizar pressupõe superar o individualismo, os velhos discursos, as estruturas excludentes e as posturas discriminatórias em prol de um trabalho cooperativo, colaborativo, reflexivo e dialógico. Sob essa ótica, interculturalidade possibilita a convivência de realidades plurais, o questionamento de discursos hegemônicos, padronizações e binarismos, bem como a desconstrução, problematização e relativização de estruturas e práticas sociais. Mas, na prática, como decolonizar? Como interculturalizar? Como resistir à colonialidade hoje? Dentre muitos modos de resistência, ressaltam-se ações na perspectiva da



decolonialidade. A resistência passa, de início, pela aceitação de que existe o “outro” em toda sua essência: de outro lugar, outra geografia, com outra cultura e, acima de tudo, com outra racionalidade, isto é, outro modo de pensar, um “pensamento outro”. Um pensamento diferente da racionalidade moderna/colonial/eurocentrada. Diferente em quê? No lugar desde onde se pensa, nos princípios que advoga e na finalidade. Diferente para quê? Para possibilitar condições de vida digna e justa às sociedades dominadas por Estados imperialistas, exploradas por sistemas econômicos e subalternizadas racialmente. Como? Por meio de ações e práticas que contribuam para a decolonização do poder, do ser e do saber a partir da interculturalidade e da decolonialidade.

O viajante se aproxima de outra estação. Reflete sobre os pilares teóricos decoloniais e reafirma suas convicções. Constata que a colonialidade está presente na educação brasileira, mas que o giro decolonial é viável. Convence-se de que insistir e resistir é preciso para mudar a situação. Assume que a interculturalidade – como projeto político, social, cultural, epistêmico, ético e pedagógico – é, efetivamente, importante estratégia para a decolonização da educação. Reafirma que a interculturalidade pressupõe desmanchar estruturas excludentes e solapar pilares coloniais que sustentam velhos discursos moderno-ocidentais hegemônicos.

O viajante chega em outra paragem. Nessa estação, pensa sobre o caminho percorrido e o próximo trajeto. A viagem continua. Avante!

### **UM “CAMINHO OUTRO” [opção metodológica]**

Caminhos existem muitos. O método indica rumos, direções, percursos em busca dos resultados, os achados. Então, qual é o caminho a ser seguido? Cabe a este pesquisador seguir um já traçado ou construí-lo, desbravando o mundo desconhecido. Caminho ou descaminho?

Inicialmente se mira para o percurso já trilhado, para, então, seguir caminhando e mirando o horizonte. Parece fácil encontrá-lo, mas ele se confunde com outras linhas. Linhas de fuga? Linhas outras! Novos horizontes. Meandros reais, encruzilhadas conceituais!

A área das ciências humanas, com destaque para o campo da educação, passa por constantes confrontos teóricos e metodológicos. Tais embates se agudizam à medida que a circulação de ideias se intensifica, ocorrendo rupturas e rompimento de fronteiras do e no pensamento. Nesse sentido, o momento atual requer “olhares outros”, como destaca Kramer (2007):

[...] questiono a sacralização e o encarceramento da linguagem, a imposição dos jargões, a neutralidade que pretensamente seria preciso encontrar ou seguir nas

ciências humanas e sociais; com eles destaco a necessidade de se consolidar uma forma outra de produzir conhecimento científico. Enfatizo, também, que é preciso redimensionar os paradigmas de cientificidade e ampliar o próprio escopo da interdisciplinaridade a partir da qual a educação é concebida e percebida [...] (KRAMER, 2007, p. 184).

É na perspectiva de um olhar outro que esta investigação é pensada e traçada: uma viagem investigativa tecida nas teias da educação intercultural decolonizadora. Sem a pretensão de se agarrar ao que os críticos designam como “anarquismo epistemológico” ou “pluralismo metodológico” de Feyerabend (2011), em “Contra o método”, mas concordando com a essência de seu pensamento, busca-se, no desenrolar deste estudo, trilhar caminhos outros – caminhos ou descaminhos? – sob olhares outros. Quais? Os caminhos da decolonialidade. Afinal, não há apenas uma racionalidade, uma epistemologia, um pensamento, um paradigma e nem apenas uma verdade. Cada realidade passa pelo filtro das retinas do sujeito, expressando a sua concepção de mundo, sua cosmovisão. E isso se reveste de sentido histórico, essencialmente ideológico, mas plural. Por isso, longe de um pensamento simplista, pode-se indagar por metodologias outras, de caráter pluriversal e com validade científica.

Ortiz Ocaña questiona a exigência de objetividade, em ciências sociais e humanas, o que considera um argumento colonizador (ORTIZ, 2017; ORTIZ OCAÑA, 2017). Nesse sentido, Ortiz Ocaña, Arias López e Pedrozo Conedo (2018, p. 123) asseveram: “Nos impusieron una forma ‘universal’ de conocer: el método científico, cimiento del enfoque positivista y empírico analítico.” Os autores propõem avançar na direção de decolonizar as ciências sociais e humanas, configurando um paradigma “outro” – um paradigma decolonial –, fundamentado numa epistemologia decolonial, a “decolonialogia”. Esta ciência decolonial implementaria uma ciência da educação decolonial, a “decoloniagogia”. Portanto, busca-se uma construção metodológica que articule teorias e pedagogias numa perspectiva “outra”, impulsionada desde a exterioridade da episteme eurocêntrica, isto é, desde um lugar “outro” – o sul global.

Cabe perguntar: é possível uma metodologia decolonial? Uma não, muitas. Porque não se postula o estabelecimento de outra metodologia de quilate universal para fazer frente ao método eurocentrado. Porque plurais são as culturas, os pensamentos, as epistemes. Postula-se, então, a utilização de uma episteme outra dentre as muitas possíveis, e, em continuação, uma metodologia outra pensada desde o sul.

A pesquisa realizada se enquadra na abordagem qualitativa, obtendo-se informações textuais a partir de enunciados extraídos de questões abertas, documentos e obras de especialistas. Trata-se de pesquisa de campo explicativa, com coleta de dados de uma amostra

por conveniência e intencional, mediante aplicação de um questionário a estudantes e professores coordenadores do Seminário Integrado, contendo questões fechadas e uma questão aberta. Por comodidade, utilizou-se a escolha de escolas urbanas das cidades-sede das 30 Coordenadorias Regionais de Educação. Os participantes do estudo são estudantes do 3º ano do ensino médio (concluintes em 2014), de uma turma do diurno de cada escola definida para a pesquisa. A organização dos dados se deu por meio de um processo contínuo, identificando dimensões, categorias, tendências, padrões, relações, desvendando-lhes o significado. O estudo foi planejado de modo a obter confiabilidade, expressa por credibilidade, transferibilidade, consistência e confirmabilidade.

Os procedimentos realizados na análise dos dados foram: 1º) análise documental, utilizando-se o documento-base “Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio – 2011-2014” (RIO GRANDE DO SUL, 2011), o “Regimento Padrão Ensino Médio Politécnico” (RIO GRANDE DO SUL, 2012) e a obra “Reestruturação do Ensino Médio: pressupostos teóricos e desafios da prática” (AZEVEDO; REIS, 2013); 2º) análise dos relatos coletados por meio do questionário, com utilização da técnica de Análise de Temática de Gibbs (2009) – ATG; e 3º) análise dos relatos (respostas à questão aberta) e dos documentos, com base na Análise Discursiva de Bakhtin (2003; 2014) – ADB.

Utilizando-se o critério semântico na ATG, os códigos descritivos foram classificados e agregados em categorias que resultaram nos códigos analíticos – os temas protagonismo juvenil, intervenção na realidade e interculturalidade – comuns às quatro instâncias. De forma articulada, esses códigos – no contexto de seus enunciados – são tratados segundo a ADB.

E aqui está o viajante, aproximando-se de mais uma estação. Neste trecho de sua viagem, deparou-se com muitas curvas de percurso, mas encontrou setas metodológicas indicando a direção da viagem. Trilhas foram demarcadas. Ao longo do caminho, marcos de descobertas e achados foram registrados. O horizonte se abriu ao seu redor. E o viajante analisa os enunciados. Entrecruzamentos de ideias. Encruzilhadas: conversas cruzadas!

### **ENCRUZILHADAS: CONVERSAS CRUZADAS [resultados e discussão]**

Nesta paragem ou estação, o viajante, que também é falante e autor-pessoa, lança mão de seus registros sobre metodologia empregada na pesquisa para analisar os achados e discutir os resultados. Mas com quem se conversa nas encruzilhadas da viagem investigativa (pesquisa



originária) ? Como a ADB é um método de compreensão respondente, isto é, um método sociológico (BARROS, 2007), os sujeitos do discurso ou enunciado são interativos no interior de seus discursos. Em conversas cruzadas, além desses sujeitos dos discursos, o diálogo se trava entre interlocutores desta narrativa e, por extensão, entre os discursos das quatro instâncias educacionais. Neste recorte, entretanto, dialoga-se prioritariamente com Bakhtin.

Como pesquisa no campo educacional, esta viagem é uma análise ancorada na experiência de vida do pesquisador. Nas palavras de Ortiz Ocaña, a análise é reflexão entre a vida e a investigação.

La investigación educativa no debe analizarse de manera separada de la vida humana cotidiana. La vida es inicio (primeridad), la investigación es fin (segundidad), y el pensamiento o reflexión es el mediador (terceridad) entre la vida y la investigación. Vivir, pensar e investigar, es lo mismo. Constituyen una configuración triádica. (ORTIZ OCAÑA, 2017, p. 102).

Viver, pensar e investigar formam uma tríade. O pesquisador é o principal instrumento de pesquisa e sua ação é sempre carregada de ideologia. É nessa linha de raciocínio que Bakhtin (2014, p. 67) afirma: “A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais.”

A ADB é uma ferramenta de investigação e busca de compreensão das significações espaciais e culturais na Abya Yala. A análise discursiva permite examinar, nas narrativas, a forma como as significações constituintes de determinada visão de mundo (*Weltanschauung*) são articuladas no discurso. A visão de mundo na perspectiva bakhtiniana é pautada nas relações sociais, históricas e culturais. O homem é “[...] um ser que se constitui na e pela interação, isto é, sempre em meio à complexa e intrincada rede de relações sociais de que participa permanentemente.” (FARACO, 2007, p. 101). É na interação com o “outro” que a pessoa se constrói social e historicamente como sujeito.

Toda a pesquisa está encharcada de cultura: é expressão de cultura mediante compreensão e interpretação. Postado no Sul, o viajante se vê em encruzilhadas. Para. Pensa. As rotas que se cruzam levam a diferentes lugares, a diferentes mundos culturais. Rotas que levam e trazem. Trazem interlocutores enunciadore de pensamentos que se cruzam, que se articulam para expressar convergências e divergências. Ao focar nos elementos da paisagem – natural e humanizada – o viajante percebe a diversidade de recursos de culturas outras.

Nesta etapa da viagem, o autor-pessoa se encontra com outros interlocutores. Diálogos são desencadeados. Enunciados são desenleados. Responsivamente, nova enunciação exterioriza-se. E aqui, segundo Mignolo (2017, p. 15), “[...] não importa tanto o que é, mas o que as pessoas que dialogam a favor ou contra entendem que é. O que importa é a enunciação,

não tanto o enunciado.” (MIGNOLO, 2017, p. 25). Na teia narrativa combinam-se dispositivo teórico (teoria da decolonialidade) e dispositivo analítico (ADB). Nesse entrelaçamento, perguntas e respostas geram novas perguntas, entremeando a enunciação deste autor-pessoa numa abordagem sociológica.

A análise enunciativa, na concepção bakhtiniana, é operacionalizada com a aplicação do “método sociológico”, assim por ele designado. O enunciado concreto como um todo significativo compreende o percebido e o presumido como partes constitutivas. “Como se relaciona o horizonte extraverbal com o discurso verbal, como o dito se relaciona com o não-dito?” (VOLOSHINOV; BAKHTIN, 1976, p. 7). “O individual e o subjetivo têm por trás, aqui, o ‘social’ e o ‘objetivo’”. “O ‘eu’ pode realizar-se verbalmente apenas sobre a base de ‘nós’.” (VOLOSHINOV; BAKHTIN, 1976, p. 8).

É nessa compreensão metodológica que o pesquisador atua, pensando desde o seu lugar, pensando geoepistemicamente. Pensar desde o lugar em que se vive significa um “pensar outro” – uma episteme outra – e, em efeito, um modo outro de produzir conhecimento, isto é, uma metodologia outra. Essa metodologia propicia escancarar as portas da realidade para intervir e transformá-la. Portanto, trata-se de uma metodologia na perspectiva decolonial – um “caminho outro”, com muitas encruzilhadas.

E o viajante chega à última estação do percurso de sua viagem investigativa. Um final inconcluso, porque continua a pensar e a interrogar, porque inacabado é o processo de transformação da realidade e porque incompletude parece ser a marca registrada no dna dos humanos. Perspectiva!

## **PONTO DE CHEGADA [considerações finais]**

Se há ponto de partida, por que não haveria ponto de chegada? Em sua viagem investigativa este viajante percorreu longo percurso, parou em cinco estações até chegar aqui. Não é ponto final, última estação, porque a missão de um transeunte docente é existencial, ontológica. O viajante – errante, falante, interrogante – constitui-se um sujeito ideológico, histórico, político, social, cultural e existencial, com responsabilidade perante a sociedade. Conforme Ortiz Ocaña (2017), o pesquisador não pode transformar a sociedade, mas pode autotransformar-se, e, para além disso, traçar caminhos para que os atores sociais intervenham na realidade.

Com este artigo objetivou-se refletir sobre a potencialidade da metodologia utilizada

numa pesquisa sob a perspectiva decolonial, cujo arranjo metodológico combinou a técnica de análise temática de Gibbs (ATG) e a análise discursiva bakhtiniana (ADB), tendo a teoria decolonial como suporte. A reflexão permite concluir que o referido arranjo metodológico: a) dispõe de procedimentos adequados à execução do projeto de pesquisa, com alcance dos objetivos e obtenção dos resultados na perspectiva decolonial; b) privilegia o pensamento desde o lugar de onde se fala; c) valoriza o papel do pesquisador na interpretação da realidade; d) fundamenta-se na participação dos sujeitos para a transformação da realidade. Portanto, os resultados da pesquisa apontam para a potencialidade do arranjo metodológico utilizado como uma metodologia decolonial. Não obstante, a constatação não significa colocar ponto final nas reflexões sobre a temática.

Para além do já dito, o viajante se depara com esta última estação do seu percurso, mas continua mirando o horizonte, tentando descrever, caracterizar e compreender a sociedade para, então, sistematizar uma proposta metodológica que oportunize a intervenção na realidade. Aliás, não há apenas uma metodologia decolonial; há metodologias alternativas, plurais, esperando por estudo e aplicação em pesquisas, sobretudo na área das ciências sociais. E o campo científico está, permanentemente, aberto a novos arranjos metodológicos. Então, a viagem investigativa continua.

## REFERÊNCIAS

ARCURI, Marcia. O *Tahuantinsuyu* e o poder das *huacas* nas relações centro x periferia de Cusco. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Suplemento 8, p. 37-51, 2009.

AZEVEDO, Jose Clovis; REIS, Jonas Tarcísio (orgs.). **Reestruturação do ensino médio: pressupostos teóricos e desafios da prática**. São Paulo: Fundação Santillana, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. *In*: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de. **Diálogos com Bakhtin**. 4 ed. [Curitiba]: Editora UFPR, 2007.

CLASTRES, Hélène. **Terra sem mal**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

FARACO, Carlos Alberto. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. *In*: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de (orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. 4. ed., 1. reimpr. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

FEYERABEND, Paul K. **Contra o método**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

KRAMER, Sonia. Linguagem e tradução: um diálogo com Walter Benjamim e Mikhail Bakhtin. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de. **Diálogos com Bakhtin**. 4. ed. [Curitiba]: Editora UFPR, 2007.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017.

MUNSBURG, João Alberto Steffen. **Por uma proposta pedagógica na perspectiva da educação intercultural decolonizadora**. Orientador: Gilberto Ferreira da Silva. 2020. 138 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade La Salle, Canoas, 2020.

ORTIZ, Alexander. **Decolonizar las Ciencias Sociales: hacia una investigación decolonizante**. Barcelona: Editorial Academia Española, 2017.

ORTIZ OCAÑA, Alexander. Decolonizar la investigación en educación. *Praxis*, Santa Marta, Colômbia, v. 13, n. 1, p. 93-104, jan./jun. 2017.

ORTIZ OCAÑA, Alexander; ARIAS LÓPEZ, María Madalena; PEDROZO CONEDO, Zaira Esther. **Decolonialidad de la educación: emergencia/urgencia de una pedagogía decolonial**. Santa Marta, Colombia: Editorial Unimadalena, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú Indígena**, Lima(?), n. 13 (29), p. 11-20, 1992. Disponível em: <https://problematicascuales.files.wordpress.com/2015/04/quijano-colonialidad-y-modernidad-racionalidad.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2016.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC-RS). Departamento Pedagógico – DP. **Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio – 2011-2014**. Porto Alegre: Seduc-RS, 2011.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC-RS). **Regimento Padrão Ensino Médio Politécnico**. Porto Alegre: Seduc-RS, 2012.

VOLOSHINOV, V. N.; BAKHTIN, Mikhail. **Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. 1976. Disponível em: [www.academia.edu/19347967/Discurso-Na-Vida-Discurso-Na-Arte.pdf](http://www.academia.edu/19347967/Discurso-Na-Vida-Discurso-Na-Arte.pdf). Acesso em: 29 jun. 2019.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: VIANA, Jorge; TAPIA, Luis; WALSH, Catherine. **Construyendo interculturalidad crítica**. La Paz: III – CAB, 2010. p. 75-96.